

assassin's creed odyssey
– odisseia
gordon doherty

Tradução de Renato Carreira



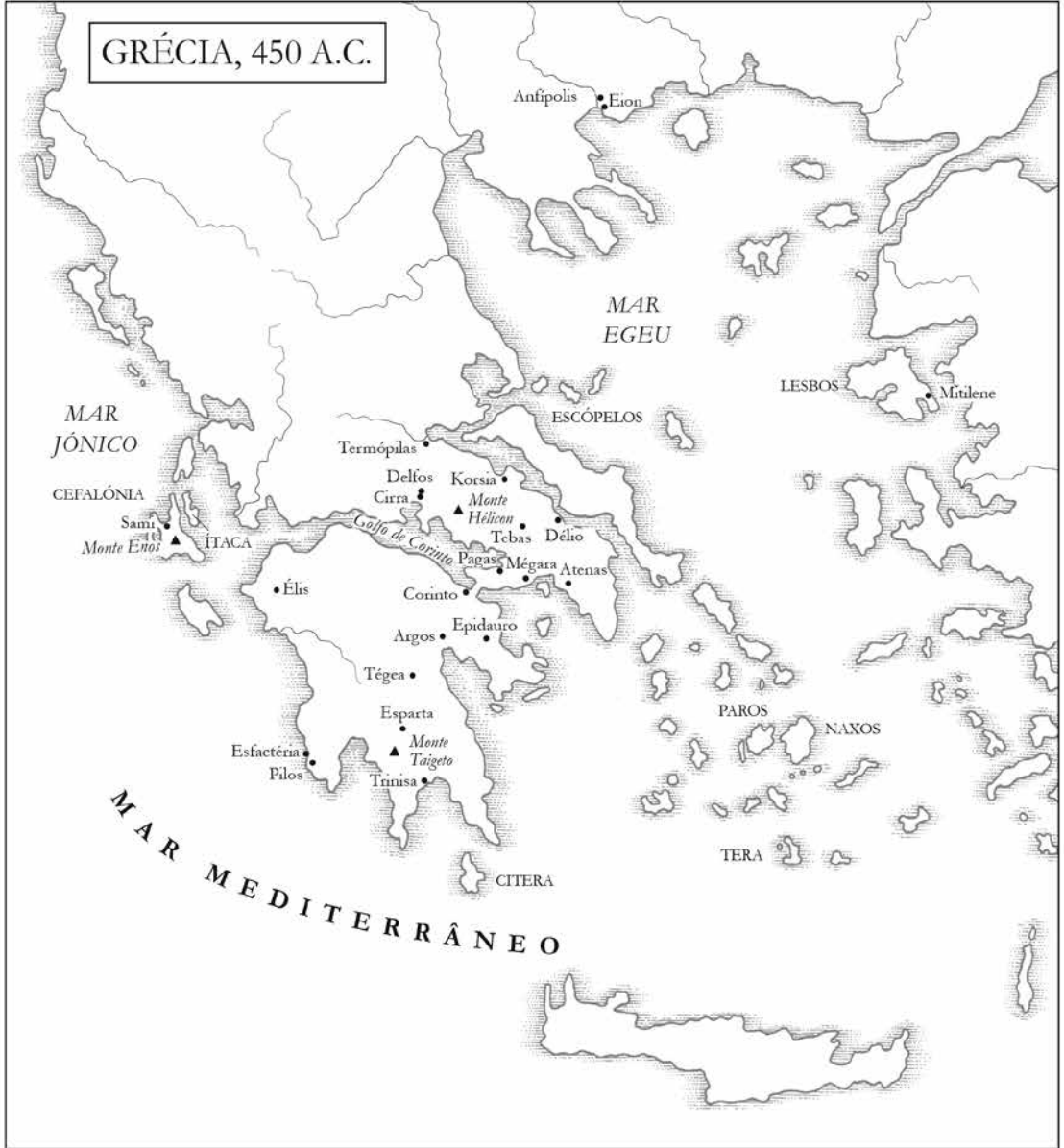
SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a minha família

Agradecimentos

Um grande obrigado a Caroline, Anthony, Anouk, Melissa, Aymar, Clémence, Stéphanie-Anne, Jonathan, Miranda, Sara e Bob Schwager e a todos na *Ubisoft* e na *Penguin* por me permitirem esta oportunidade de mergulhar no mundo de *Assassin's Creed*. Tem sido uma viagem imensamente agradável e a vossa orientação e apoio conhecedores ao longo do caminho têm sido muito apreciados. Um agradecimento igualmente grande ao meu agente, James Wills, da *Watson, Little Ltd.*, por ajudar a concretizar esta aventura.

GRÉCIA, 450 A.C.





Prólogo

Esparta

Inverno 451 a.C.

*D*urante sete verões, carreguei um segredo dentro de mim. Uma chama, quente e verdadeira. Sabia que lá estava mesmo que mais ninguém conseguisse vê-la. Quando erguia os olhos para os meus pais, sentia-a arder com maior intensidade e, quando contemplava o meu irmão pequeno, sentia o seu calor em cada parte de mim. Um dia, ousei descrevê-la à minha mãe.

— Falas do amor, *Kassandra* — sussurrou, afastando o olhar como se receasse que alguém a ouvisse. — Mas não do tipo de amor que um espartano conhece. Os espartanos devem amar apenas a terra, o estado e os deuses. — Apertou-me as mãos e obrigou-me a fazer uma jura. — Nunca reveles o teu segredo a ninguém.

Numa noite de inverno, durante uma tempestade uivante, sentáramo-nos juntos diante da lareira da nossa casa, onde crepitava uma fogueira. O pequeno *Alexios* estava nos braços da minha mãe e eu estava sentada junto aos pés do meu pai. Talvez os quatro carregássemos dentro de nós aquela mesma chama secreta? Consolava-me pensar que sim, pelo menos.

E, então, o nosso santuário quente e sossegado foi profanado pelo som de unhas arranhando a porta.

A respiração lenta e regular do meu pai suspendeu-se. A minha mãe apertou o pequeno *Alexios* contra o peito e olhou fixamente para a porta como se apenas ela conseguisse ver ali um demónio de pé nas sombras.

— Chegou o momento, *Nikolaos* — disse uma voz no exterior que parecia pergaminho estalando.

O meu pai ergueu-se, cobrindo o corpo musculado com a capa vermelha como sangue. A barba negra densa escondia qualquer expressão na cara.

— Espera. Só um pouco mais — suplicou-lhe a minha mãe, levantando-se também e erguendo uma mão para acariciar os seus caracóis pesados e escuros.

— Esperar o quê, Myrrine? — ripostou. — Sabes o que terá de acontecer esta noite.

Com aquilo, avançou para a porta, levando a lança. Vi a porta abrir-se e a chuva fria a massacrar o meu pai enquanto saía. O vento gemeu e um trovão resmungou algures no alto enquanto saíamos atrás dele. Pois ele era o nosso escudo.

E foi então que os vi.

Erguiam-se à nossa frente formando um arco de foice. Os sacerdotes, de peito nu e com coroas de louros sobre a cabeça. Os éforos de túnica cinzenta, homens mais poderosos até do que os dois reis de Esparta, empunhando archotes cuja chama vacilava e tremia na tormenta. O cabelo grisalho longo do éforo mais velho dançava com o vento e a sua calva refletia a luz enquanto fixava em nós olhos vermelhos e os dentes alongados pela idade cerravam-se num sorriso perturbador. Virou-se sem dizer nada, gesticulando-nos que o seguíssemos. Seguimo-lo pelas ruas de Pitana, o meu lar e uma das cinco aldeias sagradas espartanas, e fiquei ensopada e gelada antes de chegarmos aos arrabaldes.

Os éforos e os sacerdotes avançaram pela Terra Vazia, entoando pelo caminho lengalengas e cânticos à tempestade. Usei a minha meia-lança como o meu pai usava a sua, como bengala, esmagando o cascalho com o pé da haste com cada passo. Provocava em mim um arrepio estranho segurar a lança partida, pois tinha pertencido outrora ao rei Leónidas, o campeão espartano há muito perecido. Todas as almas da Lacónia veneravam a nossa família porque o sangue de Leónidas corria nas nossas veias. A minha mãe pertencia à sua linhagem, tal como eu e Alexios. Éramos os descendentes do grande homem, do herói das Portas Quentes. No entanto, era o meu pai o meu verdadeiro herói, ensinando-me a ser forte e ágil, tão dura como qualquer rapaz espartano. Mas, apesar de tudo isso, nunca me ensinou a ter a força de espírito de que precisaria para o que viria. Em toda a Hélade, haveria algum professor que conseguisse ensinar tal coisa?

Seguimos um caminho serpenteante ascendente em direção às alturas cinzentas do Monte Taigeto, com ravinas vertiginosas como cicatrizes e os altos cumes cobertos de neve. Nada no nosso estranho percurso fazia sentido. Algo parecia estar muito mal. Fora assim desde que os meus pais viajaram até Delfos no outono para falar com o Oráculo. Não partilharam comigo as

palavras da grande vidente, mas o que lhes disse terá sido funesto. Desde então, o meu pai mostrou-se tenso, irascível e distante. E a minha mãe parecia perdida na maior parte dos dias, com os olhos vidrados.

Naquele momento, caminhava com os olhos fechados durante longos trechos, com as gotas de chuva escorrendo-lhe pelas bochechas abaixo. Abraçava Alexios com força, beijando o pequeno embrulhado em panos com intervalo de poucos passos. Quando me viu fitá-la com ansiedade, engoliu em seco e passou-me o bebé.

— Leva o teu irmão, Cassandra... — disse.

Enfiei a meia-lança no cinto, recebi-o nos braços e apertei-o contra mim enquanto subíamos pelo trilho vertiginoso. O trovão encontrou a sua voz, ecoando algures por perto, e o relâmpago riscou o céu. A chuva tornou-se granizo e moldei uma pequena cobertura com os cobertores de Alexios para lhe manter a cara seca. A sua pele, perfumada com óleo doce e com o cheiro confortante do seu leito de penugem de cardo, parecia tão quente contra a minha cara gelada. As suas mãos fracas roçaram-me o cabelo. Gorgolejou e respondi com um arrulhar.

Chegámos finalmente a um planalto. No extremo distante, erguia-se um altar de mármore com veios azuis marcado pelo clima e pela idade. Uma vela abrigada ardia aí ao lado de uma tina de azeite, de uma cratera de vinho diluído com granizo e de uma travessa de uvas.

A minha mãe parou, soluçando.

— Myrrine, não sejas tão fraca — disse o meu pai, repreendendo-a.

Sentia um fogo crescendo dentro dela.

— Fraca? Como podes chamar-me isso? É necessária coragem para enfrentar os nossos verdadeiros sentimentos, Nikolaos. Os homens fracos escondem-se atrás de máscaras de bravura.

— Não é o costume espartano — silvou o meu pai entre dentes.

— Aproximem-se do altar — disse um dos sacerdotes, com granizo derretido escorrendo-lhe sobre as costelas salientes. Não me agradava olhar para aquela mesa ancestral... ou o limiar do planalto e o abismo negro como a noite além dele... um poço de sombra que descia até às entranhas da montanha.

— A criança — disse o éforo mais velho, com o seu anel de cabelo dançando ao vento e os olhos como carvões em brasa. Estendeu as mãos ossudas na minha direção e percebi, como se um manto negro de compreensão me caísse sobre os ombros. — Dá-me o rapaz — repetiu.

O medo provocava-me um ardor no céu da boca, com toda a saliva secando no espaço de um batimento cardíaco.

— Mãe? Pai? — choraminguei a cada um deles.

A minha mãe deu um passo para o meu pai, colocando uma mão suplicante em cada um dos seus ombros largos. Mas vi-o ficar onde estava, impassível, como um dedo de rocha.

— O Oráculo falou — entoaram os sacerdotes em uníssono. — Esparta cairá... a não ser que o rapaz pereça no seu lugar.

O horror dilacerou-me e apertei o pequeno Alexios com força, recuando um passo. O meu irmãozinho era saudável e forte... não havia qualquer justiça em condená-lo ao destino cruel que esperava os bebés espartanos fracos ou aleijados. Tinha sido aquilo o que o Oráculo tinha decretado quando os meus pais viajaram para consultar a vidente? Quem a autorizara a condená-lo daquela forma? Porque não cuspia o pai naquela ordem sinistra, empunhando a lança contra aqueles velhos miseráveis? Quando agiu, foi apenas para afastar a minha mãe, atirando-a ao chão como um trapo.

— Não... não! — A minha mãe chorou enquanto dois sacerdotes a seguravam. — Nikolaos, faz alguma coisa, por favor.

O meu pai fitou o infinito.

Um dos sacerdotes aproximou-se de mim por trás, segurando-me pelos ombros. Um segundo arrancou-me Alexios e passou o pequeno embrulho ao éforo mais velho, que aninhou o meu irmão nos braços como se fosse um tesouro.

— Poderoso Apolo, Dador da Verdade, Atena Guardiã da Urbe, Grande Protetora, vede como nos vergamos à vossa vontade, humildes, gratos pela vossa sabedoria. Agora... o rapaz morrerá.

Ergueu Alexios sobre a cabeça, passando além do altar até ao limiar do abismo.

A minha mãe caiu de joelhos com um grito rouco que me dilacerou o coração.

Enquanto o corpo do éforo ficava tenso, preparando-se para arremessar o meu irmão para a sua morte, um relâmpago riscou o céu em simultâneo com um trovão monstruoso. Foi como se o raio me tivesse atingido. Senti uma enorme descarga de energia e injustiça. Gritei com todas as minhas forças, libertando-me das mãos do sacerdote que me prendia. Corri como uma atleta, desesperada, enlouquecida, esticando os braços para o meu irmão. O tempo abrandou. Os meus olhos fixaram-se nos de Alexios e os dele nos meus. Se tivesse conseguido prender esse momento em âmbar e viver aí toda a eternidade, tê-lo-ia feito, enquanto estávamos os dois vivos e ligados. Até perder o equilíbrio, tropeçar e sentir o ombro chocar contra o flanco do miserável

éforo velho, ouvindo uma suspensão repentina de muitas inspirações e vendo o éforo cair ao abismo... levando Alexios consigo.

Mergulharam os dois no negrume e o grito do éforo perdeu-se na distância como um guincho de demónio.

E depois... silêncio.

Caí de joelhos diante do precipício, tremendo enquanto exclamações furiosas de ultraje se erguiam atrás de mim.

— Assassina!

— Matou o éforo!

Fitei o abismo, boquiaberta, com o granizo vergastando-me a cara.



Capítulo 1

Fios de água caíam-lhe pela face. Com os olhos fechados, voltou a ouvir e ver tudo com clareza vívida e terrível. A linhagem de Leónidas, humilhada, conspurcada. Vinte anos tinham bastado para que alguns esquecessem as suas dívidas, aceitassem as suas falhas ou fizessem as pazes com o passado.

— Não para mim — sussurrou Kassandra, sentindo vibrar a lança partida nas mãos. Cravou a arma com força na areia a seu lado e as memórias dissiparam-se.

Os seus olhos abriram-se lentamente, ajustando-se à luz intensa do início da manhã. As águas cerúleas que banhavam a costa oriental de Cefalónia cintilavam como um tabuleiro de joias. A espuma beijava o areal, perdendo-se num rumor delicado e frio que chegava ao sítio onde se sentava, cobrindo-lhe os dedos dos pés expostos. O jorro salgado vinha em nuvens macias, condensando e arrefecendo-lhe a pele. Um bando de gaivotas voava, guinchando, pelo céu sem nuvens, enquanto um corvo-marinho mergulhava nas águas numa explosão de gotas cristalinas. A leste, perto do horizonte difuso, galés atenienses moviam-se num cortejo sem fim. Eram como sombras, deslizando sobre as águas mais profundas de um azul de crepúsculo e entrando no Golfo de Corinto para reforçarem o bloqueio de Mégara. As velas garridas enchiam-se como os pulmões dos titãs e, ocasionalmente, o vento marítimo trazia o gemido de cordas e madeira e os gritos cavernosos de tantos guerreiros a bordo. No início daquele ano, Cefalónia tinha sucumbido à influência ateniense, tal como a maioria das ilhas. E a guerra crescera como uma úlcera. Alguma pequena voz dentro dela dizia-lhe que devia preocupar-se com o

confronto colossal que alastrava pela Hélade, mexendo o grande caldeirão de ideologias e motivando confrontos ferozes entre cidades outrora aliadas. Mas como poderia fazê-lo? Pouco lhe importava a orgulhosa Atenas. E, do outro lado... a inabalável Esparta.

Esparta.

A mera presença da palavra nos seus pensamentos estilhaçou o idílio delicado da costa. Olhou de soslaio para a antiga meia-lança de Leónidas. A ponta de ferro alada, as gravações complexas à volta do gume e a meia haste, gasta e de cor esbatida depois de anos a olear. Sempre lhe parecera adequado que a única coisa que lhe restasse do seu passado fraturado fosse uma coisa partida.

Um guincho agudo penetrou-lhe os pensamentos e ela ergueu os olhos para ver o corvo-marinho emergindo das ondas com um carapau prateado no bico... mas, em voo picado na sua direção, vinha uma águia-pomarina. O corvo-marinho voltou a guinchar de horror, largou a presa parcialmente mastigada e mergulhou abaixo da superfície para se proteger. A águia tentou prender nas garras o peixe morto abandonado, mas também este se afundou abaixo das ondas. Com um grande guincho de desespero, a ave de rapina deu meia-volta e voou em direção à costa, pousando suavemente na areia perto de Cassandra, que não evitou um sorriso, pois a maldita lança não era a única coisa que restava do passado.

— Já falámos sobre isto, *Ikaros*. — Riu-se. — Devias trazer-me um carapau para assar como refeição matinal.

Ikaros fitou-a. O seu bico amarelo e os olhos vivos faziam-no parecer tão reprovador como um velho.

— Compreendo. — Ela arqueou uma sobrancelha. — A culpa foi do corvo-marinho.

A sua barriga roncou, recordando-lhe as longas horas passadas desde que comera pela última vez. Com um suspiro, arrancou a lança de Leónidas da areia. Por um momento, viu o seu reflexo baço na lâmina. Cara larga, com pouco humor nos olhos cor de avelã e uma trança grossa de cabelo castanho-arruivado pendendo sobre o ombro esquerdo. Vestia um *exomis* castanho-escuro, uma veste masculina cobrindo apenas um ombro, gasto e deplorável. Segurar a lança foi suficiente para reavivar memórias e, por isso, prendeu-a rapidamente no cinto de couro, erguendo-se e virando as costas ao mar.

Mas algo lhe captou a atenção, fazendo-a parar. Um incidente peculiar, do tipo que se torna conspícuo pela sua irregularidade, como um bêbado

bem-comportado. Lá longe, entre a neblina marítima, uma galé cortava as ondas. Uma entre centenas, mas aquele navio não contornava os promontórios distantes, entrando no Golfo de Corinto. Ao invés, avançava a direito pelo mar, em direção a Cefalónia. Semicerrou os olhos e contemplou a vela branca ou, mais especificamente, a cabeça de górgone de olhar fixo e boca aberta num esgar que decorava o pano. Era uma imagem hedionda, com os lábios cinzentos-esverdeados abrindo-se para revelar presas e com os olhos brilhando como carvões em brasa, enquanto o ninho de cobras que era o cabelo da criatura parecia contorcer-se com cada sopro de vento que impelia as velas. Fitou a face aterradora durante algum tempo, arrancando a lenda de Medusa às profundezas da memória. Outrora uma mulher bela e forte, traída e amaldiçoada pelos deuses. Uma pontada de empatia cresceu dentro dela e votou a esmorecer, como uma centelha de chama. Mas havia algo mais. Não conseguia ver a tripulação do estranho navio, mas tinha a certeza absoluta de que a observavam do convés. Por um momento, o frio aprazível dos salpicos marinhos e do vento tornaram-se desagradáveis e arrepiantes.

As crianças espartanas não deverão temer jamais a escuridão, o frio ou o desconhecido, disse a voz de uma memória sepultada. A voz *dele*. Cuspiu na areia, voltando a virar as costas ao mar e ao navio estranho. As memórias provocatórias dos ensinamentos do seu pai eram tudo o que restava da sua família outrora orgulhosa. Mercadores de passagem tinham trazido consigo histórias sombrias da linhagem perdida de Leónidas. Myrrine, enlutada, acabara com a própria vida, diziam, empurrada para a morte pela perda não de um mas dos seus dois filhos. *Por culpa do que fiz naquela noite*, pensou.

Partiu da praia, atravessando as dunas e o estorno vergado pelo vento e subindo por um trilho rochoso até uma pequena falésia sobre a praia e o abrigo de pedra simples que era o seu lar. As paredes caiadas refletiam o sol e as estacas e trapos pendurados que funcionavam como uma espécie de toldo chiavam e dançavam com o vento suave enquanto a oliveira solitária por perto agitava os ramos. Verdilhões beberricavam de uma poça de água perto de uma coluna de pedra partida, unindo os seus cantos. A boas horas a pé da cidade costeira de Sami, podiam-se passar dias ali sem grande contacto com quem passasse. *O sítio perfeito para uma mulher viver o resto dos seus dias e morrer sozinha*, pensou. Parou para observar outra vez o mar, contemplando a distância e a forma difusa e longínqua do continente. *Como teriam sido as coisas*, pensou, *se o passado não tivesse sido tão cruel?*

Virou-se novamente para o seu lar, curvando a cabeça para passar a porta baixa, e a brisa constante do mar reduziu-se a nada. Observou a única divisão em redor: uma cama de madeira, uma mesa, um arco de caça, uma arca de coisas simples: um pente de marfim partido e uma capa velha. Não havia grades à volta da orla costeira de Cefalónia, não havia grilhetas nos seus membros, mas a pobreza era a sua carcereira. Apenas os homens mais ricos da ilha podiam aspirar a deixá-la.

Sentou-se no banco junto à mesa, enchendo uma taça de água com uma cratera de barro, antes de abrir o embrulho de couro que tinha preparado antes. Encontrou um pequeno pão, duro como uma pedra, uma tira de lebre salgada do tamanho de um dedo e um pequeno pote de barro contendo três pequenas azeitonas. Uma refeição patética. O seu estômago rugiu em protesto, exigindo saber onde estava o resto.

Ergueu o olhar para a pequena janela na parede traseira do seu lar, vendo o buraco recentemente aberto no chão. Até ao dia anterior, a sua despensa subterrânea contivera dois sacos de trigo e uma lebre salgada inteira, um queijo de cabra e uma dúzia de figos secos. Nutrição suficiente para cinco ou seis dias. Mas, ao regressar da pesca infrutífera do dia anterior, vira dois rufias à distância, fugindo com as provisões. Tinham um avanço de quilómetro e meio e, de qualquer forma, estava demasiado faminta para uma perseguição, acabando por se deitar de barriga vazia. Passou distraidamente o polegar sobre o gume da lança de Leónidas: perfeitamente afiado. Sentiu o corte na camada superficial de pele e silvou o nome do seu atormentador presente, o que tinha enviado os ladrões:

— Que os fogos malditos te consumam, Ciclope.

Voltando-se novamente para a sua parca refeição, pegou no pão, mergulhando-o num pouco de azeite para o amaciar antes de o levar à boca. Um novo ronco de estômago, mas não do seu. Olhou para a porta. A rapariga que viu aí de pé fitava o pão patético como um homem olharia para um torque de ouro.

— Phoibe? — disse Cassandra. — Não te vejo há dias.

— Ah, não te preocupes comigo, Kass — disse Phoibe, examinando as unhas cheias de terra, prendendo as madeixas escuras atrás das orelhas e mexendo na bainha esfarrapada da sua velha estola branca-suja.

Kassandra moveu o olhar da rapariga para o pão e do pão para o para-peito da janela, onde uma forma escura se tornou visível. *Ikaros* fixou nela o mesmo olhar arregalado esperançoso. A sua cobiça era dirigida à tira de lebre salgada. «Nem comigo», ouviu quando *Ikaros* guinchou.

Com um sorriso nada convicto, afastou-se da mesa, atirando a carne a *Ikaros* e o pão a *Phoibe*. Transformaram-se ambos em aves marinhas famintas nesse momento, devorando o escasso alimento com deleite. *Phoibe*, órfã nascida em Atenas, tinha apenas doze anos. *Kassandra* conhecera a rapariga enquanto esta mendigava nas ruas perto de *Sami*, três anos antes. Dera-lhe algumas moedas nesse dia a caminho da cidade. No regresso, pegara na fedelha e levava-a para casa, alimentando-a e deixando-a dormir no abrigo. Observá-la, recordava a *Kassandra* tempos passados, recordações distantes daquele delicado calor interior, daquela chama há tanto extinta dentro dela. *Não é amor*, assegurava a si mesma. *Não voltarei a ser tão fraca*.

Suspirou, levantando-se, pendurando o arco ao ombro e alcançando um odre de água.

— Venham. Comemos pelo caminho — disse, levando as azeitonas e enfiando-as na boca. O interior macio e salgado e o azeite de sabor rico eram cativantes, despertando-lhe as papilas gustativas mas pouco fazendo para lhe saciar a fome. — A não ser que queiramos que esta seja a nossa última refeição, devemos visitar *Markos*. — *O canalha*, acrescentou para si mesma enquanto prendia as braçadeiras de couro. — Chegou a hora de cobrar dívidas.

Dirigiram-se para sul, seguindo durante algum tempo por um caminho cheio de sol sobre os penhascos costeiros antes de virarem para o interior. O calor intensificava-se com a aproximação do meio-dia e atravessaram um prado salpicado de violetas. O ar estava perfumado com o cheiro a orégãos e a limoeiros bravios. A erva longa roçava-lhe as canelas e borboletas esvoaçavam pelo caminho em clarões de carmesim, âmbar e azul. Cigarras cantavam com o calor, e a guerra e o passado não poderiam estar mais distantes até avistarem *Sami*. A cidade portuária era um conjunto amuralhado de casebres e casas simples caiadas cercado um monte coberto por *villas* de mármore. Homens ricos conversavam e beberricavam vinho nos terraços e varandas. Cavalos e trabalhadores suados em tronco nu percorriam com esforço as ruas apertadas e o mercado movimentado, carregando azeitonas e madeira de pinheiro até ao porto. Aí, navios de transporte disputavam o espaço no cais de pedra pálida de onde as matérias-primas seriam levadas até aos estaleiros militares e armazéns de abastecimento atenienses. Campainhas tilintavam, chicotes estalavam, música de lira erguia-se, tal como colunas pálidas e retorcidas de fumo perfumado dos templos.

Kassandra entrava na cidade apenas quando precisava, procurando comida ou provisões que não conseguisse obter de outras formas.

E para fazer os trabalhos que Markos lhe encontrava.

Chamavam-lhe *misthios*. Uma mercenária. Por vezes, esses trabalhos envolviam entregar mensagens ou escoltar cargas de objetos roubados... Mas o mais frequente era que fosse chamada a fazer o que poucos conseguiam. O seu coração endureceu enquanto recordava a sua incumbência mais recente, num antro junto ao mar onde um bando de bandidos célebres se escondia. A lança de Leónidas fora manchada de vermelho nessa noite escura e o ar conspurcara-se com o cheiro a entranhas rasgadas. Cada morte era como uma semente espinhosa de culpa que ganhava raízes dentro dela... mas nada que tivesse feito a pedido de Markos se comparava com o carvalho retorcido plantado nessa noite da sua juventude no limiar do abismo e com as duas mortes que tinham transformado a sua vida para sempre.

Abanou a cabeça para impedir que as recordações a dominassem e pensou, ao invés, na sua bolsa vazia. Markos voltara a esquivar-se a pagar-lhe quando o informara do sucesso dos seus esforços no esconderijo costeiro. Quanto lhe devia? Sentiu os pelos eriçarem-se. *É um canalha, um patife, um imundo...*

Outra recordação atravessou-lhe os pensamentos em espiral. Os seus primeiros momentos naquela ilha verde, vinte anos antes. O dia em que Markos a encontrara na praia de seixos a norte da cidade, caída ao lado da jangada destruída que dera à costa. Recordava a cara sebosa de pele esburacada e o cabelo oleoso preto enquanto a segurava nos braços.

— És um peixe estranho — dissera ele, rindo-se enquanto lhe batia com a mão nas costas e Kassandra vomitava golfadas da água salgada que lhe enchera os pulmões. Alimentara-a durante algum tempo, mas parecia ansioso por se ver livre dela... até perceber como era ágil e forte. — Quem na Hélade te treinou para te moveres assim? Alguém como tu ser-me-á útil — referira.

As recordações dissiparam-se quando deixaram Sami para trás. Phoibe saltitou à frente, vendo *Ikaros* nas alturas enquanto fazia «voar» a sua águia de madeira, imitando guinchos. Quando chegaram a uma bifurcação na estrada, Phoibe correu pelo caminho à direita.

— Estamos quase lá — cantarolou sobre o ombro. Kassandra fitou-a, perplexa. O caminho conduzia ao Monte Enos. Uma imponente estátua embranquecida pelo sol erguia-se sobre os altos rochedos: Zeus, deus do céu, com um joelho por terra e erguendo um relâmpago na mão. O solo nas encostas inferiores estava enriquecido por minerais que as chuvas

arrastavam e o sopé da montanha era decorado por vinhas em socalco, cada uma repleta de videiras verdes, com armazéns de pedra prateada e pequenas *villas* de telhas vermelhas.

— Não queiras ser uma cabra, Phoibe — gritou-lhe Cassandra, apontando o caminho da esquerda. — A casa de Markos fica mais além, perto da enseada sul e... — Calou-se quando viu Phoibe correr pela vinha mais próxima adentro. A propriedade sempre ali tinha estado, mas a figura junto às videiras com a capa verde e branca não. — Markos? — sussurrou.

— Pediu-me que não te dissesse — disse Phoibe quando Cassandra a alcançou à entrada da vinha.

— Claro que sim — resmungou Cassandra. — Fica aqui.

Passou por dois trabalhadores ocupados a podar no terraço inferior. Nem sequer notaram a sua aproximação ou a de Phoibe, que a seguia, desobediente como sempre. Enquanto avançava entre as videiras, ouviu Markos discutir com um trabalhador que, claramente, sabia melhor que ele o que fazia.

— Vamos — começou, parando para asfíxiar um soluço. — Cultivaremos uvas grandes como melões — insistiu, antes de atirar a cabeça para trás e beber um longo trago do que era, claramente, um odre de vinho ligeiramente aguado.

— Vai matar a vinha, mestre Markos — argumentou o trabalhador, inclinando para trás a aba larga do chapéu. — Não podemos deixar o fruto crescer neste ano ou no próximo ou os caules vão dobrar e partir. O terceiro ano será o momento da primeira colheita.

— Anos? — exclamou Markos. — Por Hades. Como esperas que pague... — Calou-se quando Cassandra se mostrou entre as vinhas. — Ah, Cassandra. — Sorriu, radiante, abrindo bem os braços e quase acertando com as costas da mão no trabalhador bem-intencionado.

— Compraste uma vinha, Markos?

— Só os melhores vinhos para nós, de hoje em diante, rapariga — ronronou, dando uma volta completa e quase perdendo o equilíbrio. Phoibe, correndo entre as videiras por perto, riu-se e voltou a perseguir *Ikaros*. *Ikaros* começou a guinchar, agitado, mas Cassandra estava distraída.

— Não quero as tuas uvas ou o teu vinho, Markos — insistiu Cassandra. — Phoibe e eu precisamos de comida, roupa e cama onde dormir. Quero os dracmas que me deves.

Markos encolheu-se um pouco, mexendo no bocal do seu odre de vinho.

— Sempre uma *misthios*. — Riu-se nervosamente. — Mas demorei algum tempo a entregar-te essas moedas.

— Demorarás uns breves três anos, pelo que ouço — disse Cassandra secamente. Ergueu o olhar para o voo circular de *Ikaros*, que tinha começado a guinchar como louco. Um desconforto crescente corroeu-a. A águia não costumava agitar-se tanto quando brincava com Phoibe.

— Quando as uvas se tornarem vinho — disse Markos, interrompendo-lhe os pensamentos. — Terei dinheiro que chegue, minha querida. Primeiro, terei de arranjar forma de pagar o meu empréstimo. Estou... hmm... ligeiramente atrasado nas prestações, compreendes?

— Deveras — disse o trabalhador próximo, distraidamente, enquanto voltava a cortar e atar videiras. — E o Ciclope não gosta de pagamentos atrasados.

Markos fixou um olhar carregado de censura nas costas do homem.

— Pediste dinheiro emprestado ao Ciclope? — perguntou Cassandra, espantada, e afastando-se de Markos como se este estivesse contaminado com a peste. — Isto — apontou o espaço em redor — foi financiado por *ele*? Compraste um pesadelo, Markos. És tolo? — Olhou para as encostas verdes garridas do Monte Enos, temendo a propagação da sua voz. — Os homens do Ciclope saquearam-me as provisões ontem à noite. Odeia-me. Matou vintenas de homens nesta ilha e pôs-me a cabeça a prémio. Sabe que trabalhamos juntos. Para ele, a tua dívida será minha. Se te atrasares nos pagamentos, serei eu a primeira a sofrer.

— Não exatamente — disse uma voz rouca atrás de ambos.

Kassandra virou-se para a floresta de videiras. Dois desconhecidos erguiam-se aí com sorrisos esticando-se no rosto. Um deles, com uma cara como uma pera pisada, segurava uma Phoibe paralisada, cobrindo-lhe a boca com uma mão e encostando-lhe uma adaga à garganta. Reconheceu a dupla nesse momento. Tinham sido quem lhe saqueara a despensa subterrânea na noite anterior. *Ikaros, porque não te dei ouvidos?*, repreendeu-se, vendo que a águia continuava a voar em círculos, guinchando de alarme.

— Tenta alguma coisa e a rapariga fica com a garganta aberta — disse o segundo homem, encostando uma espada curta à palma da mão livre. O seu sobrolho projetava-se como um penhasco, ocultando-lhe os olhos na sombra. — Markos acumulou uma dívida e tanto, mas tu também, *misthios*. Abriste um buraco num dos barcos do meu mestre e mataste uma coluna dos seus homens, amigos meus. Que tal vires connosco, hã? E resolvemos a questão de forma que satisfaça o meu mestre?

Kassandra sentiu o sangue gelar nas veias. Sabia que acompanhá-los seria a sua morte e, na melhor das hipóteses, a escravatura para Phoibe. Mas resistir-lhes significaria a morte imediata de todos eles.

Passou um momento tenso sem que Kassandra se movesse.

— Parece que a *misthios* não vem sem barulho — rosnou o «sobrolho de penhasco». — Vamos mostrar-lhe que falamos a sério.

O coração de Kassandra gelou. *Atenção ao adversário*, silvou-lhe Nikolaos das névoas do passado. *Os seus olhos trairão as suas intenções antes mesmo de se moverem.*

Viu o rufia que segurava Phoibe baixar os olhos para a rapariga e apertar mais os dedos da mão que segurava a adaga. Aconteceu tudo num reflexo singular e visceral. Lançou-se para a frente, segurando a lança atada ao cinto, puxando-a e movendo-a para diante como se usasse um chicote. A ponta da lança antiga golpeou de lado a têmpora do rufia. O homem revirou os olhos, sangue saiu-lhe pelas narinas e deixou-se cair como uma pilha de tijolos derrubada com um pontapé. Phoibe afastou-se, cambaleando e chorando. Kassandra puxou a corda da lança, segurando-a pela haste daquela vez e empunhando-a como um verdadeiro hoplita.

O «sobrolho de penhasco» olhou-a nos olhos e moveu-se, simulando que se inclinava para a esquerda antes de mergulhar para a direita com um rugido. Kassandra apoiou o peso do corpo num pé para deixar o adversário passar a seu lado e, quando derrapou e voltou a investir, agachou-se e rasgou-lhe o ventre com a lança. O homem cambaleou alguns passos e olhou para baixo, confuso, enquanto um aglomerado de tubos azuis-esverdeados era exposto ao sol do meio-dia antes de caírem sobre o chão poeirento. Olhou para a cavidade em que se tornara o seu ventre e, a seguir, fitou Markos e Kassandra com um esgar perplexo antes de tombar de cara.

— Tomates de Zeus — uivou Markos, passando as mãos pelos caracóis sebosos e caindo de joelhos enquanto olhava para os dois cadáveres. — De certeza que o Ciclope me vai matar depois disto.

Kassandra abraçou com força Phoibe, que chorava, beijando-lhe o topo da cabeça e cobrindo as orelhas da rapariga com as mãos para a proteger da discussão.

— Sepultaremos os corpos. Ninguém saberá o que lhes aconteceu.

— Mas ele descobrirá — gemeu Markos. — Aprende: hoje, cortas duas cabeças da besta, mas quatro crescerão no seu lugar. E a raiva do Ciclope triplicará. Como qualquer tirano, deverás obedecer-lhe cegamente... ou

destruí-lo completamente. Compreendes? — Agitou uma mão. — Não sou professor. Talvez encontres um melhor, um dia.

— E talvez seja melhor pousares esse odre de vinho para deixar as ideias clarearem? Precisas de encontrar uma forma de pagar o que deves ao Ciclope.

Os olhos arregalados de Markos fitaram o vazio à sua frente, com a expressão cada vez mais desesperada. A seguir, como se fosse atingido por um relâmpago invisível, endireitou-se com um salto, avançando e segurando Cassandra pelos ombros, abanando-a.

— É isso. *Há* uma forma.

Kassandra afastou-lhe as mãos.

— Uma forma de ganhar um saco cheio de prata nesta ilha? Duvido.

Markos semicerrou os olhos.

— Não de prata, minha querida. De obsidiana.

Kassandra fitou-o sem perceber.

— Pensa. Que é mais valioso para o Ciclope? Os seus homens, as suas terras, os seus navios? Não. O seu olho de obsidiana. — Tocou em desvario abaixo de um dos seus olhos. — Tem até veios de ouro. Roubamos o olho, vendemo-lo... algures no continente, talvez, ou a mercadores de passagem. Depois disso, teremos os nossos sacos cheios de prata. O suficiente para pagar a minha vinha e para pagar o que te devo. E para alimentar Phoibe — guinchou, encantado por ter encontrado finalmente uma disposição altruísta.

— *Roubamos* o olho do Ciclope?

— Nunca o usa. É demasiado valioso. Guarda-o em casa.

— A sua casa é como um forte — disse Cassandra secamente, recordando o covil bem vigiado numa pequena península que se projetava da costa ocidental da ilha. — Skamandrios foi a última pessoa a tentar entrar lá. Ninguém voltou a vê-lo.

Fizeram ambos uma pausa para recordarem Skamandrios, o *misthios* fuinha, pensando na centena de destinos possíveis a que poderia ter succumbido. Queimar, flagelar e desmembrar aos poucos eram alguns dos métodos preferidos do Ciclope para se livrar dos seus inimigos. Skamandrios dificilmente seria uma grande perda para a sociedade, mas orgulhava-se da sua rapidez e discrição. Alguns chamavam-lhe «Sombra».

Kassandra clareou os pensamentos com um abanar de cabeça.

— Voltando ao que importa... roubamos-lhe o olho?

Um pequeno estremeção abalou Markos e ele encolheu os ombros num gesto patético.

— És tu a *misthios*, minha querida. Só te atrasaria. Para que isto resulte, é absolutamente vital que não te vejam.

— Preocupa-me mais que me apanhe — disse Cassandra.

— Não te apanhará, pois não está no seu covil. — Markos abanou um dedo. — Como sabes, quase todas as galés privadas desta ilha foram convocadas para se juntarem à frota ateniense. O *Adrasteia* é um dos últimos navios que restam. O Ciclope caça e essa galé é a sua presa. Pelo que sei, guarda algum rancor do *triearchos* do navio.

Phoibe libertou-se de Cassandra.

— Que se passa? — perguntou.

— Nada, minha jovem — respondeu Markos. — Cassandra e eu discutíamos apenas quanto dinheiro lhe devo. Resta-lhe somente um último trabalho e receberá tudo. Não é assim, minha querida? — perguntou a Cassandra.

— Depois, podemos comer como rainhas, noite após noite? — perguntou Phoibe.

— Sim — disse Cassandra em voz baixa, acariciando o cabelo de Phoibe.

— Excelente — ronronou Markos. — Passarás aqui a noite e comerás uma refeição completa: tainha frita, polvo, pão acabado de fazer, iogurte, mel, pistachos e várias crateras de vinho. Depois, uma cama confortável e um bom descanso. Amanhã, partirás. — A seguir, sussurrou para que Phoibe não o ouvisse. — E lembra-te. Não deixes que te vejam ou seremos os três... — Passou um dedo sobre a garganta e pôs a língua de fora.

Kassandra recusou afastar o olhar cheio de azedume de Markos.